

*A Francis Laurenty*  
*(1924-2003)*



*Nunca te purificarás das acções por ti mesmo ali realizadas; não falarás tanto para que o consigas.*

DEMÓSTENES, *A Oração da Coroa*

*Quem quer falar?*

*Quem quer fazer acusações a respeito dos acontecimentos passados?*

*Quem quer garantir o futuro?*

DEMÓSTENES, *A Oração da Coroa*



# Índice

|                                   |     |
|-----------------------------------|-----|
| I. A vida insuficiente            | 13  |
| II. A segunda vida                | 47  |
| III. A vida segundo Sara Guterman | 103 |
| IV. A vida herdada                | 163 |
| Pós-escrito de 1995               | 233 |



## I. A vida insuficiente



Na manhã de sete de Abril de 1991, quando o meu pai telefonou para me convidar, pela primeira vez, para o seu apartamento em Chapinero, caíra sobre Bogotá tamanha chuvada que os riachos dos Cerros Orientales transbordaram e a água desceu, revoltosa, arrastando galhos e terra, entupindo sarjetas, inundando as ruas mais estreitas e revirando os carros mais pequenos com a força da corrente, chegando inclusivamente a matar uma taxista desprevenida, que ficou presa, em circunstâncias não esclarecidas, debaixo do chassi do próprio táxi. O telefonema era, no mínimo, surpreendente; esse dia, no entanto, pareceu-me logo agoirento, não só porque o meu pai deixara de receber visitas há muito tempo, mas também porque a imagem da cidade sitiada pela água, das filas de carros parados e dos semáforos avariados, das ambulâncias presas e das emergências a que ninguém acudia deveria bastar, em circunstâncias normais, para convencer o meu pai de que fazer-lhe uma visita seria insensato; pedir que alguém fizesse essa visita era algo quase perigoso. A imagem de uma Bogotá abandonada fez-me entender a sua urgência e suspeitar que o convite não era uma questão de cortesia, sugerindo-me antes uma dedução temporária: íamos falar de livros. Não de qualquer livro, claro: falaríamos do único livro publicado por mim até essa data, uma reportagem com título de documentário para a televisão — *Uma Vida no Exílio*, assim se chamava —, que contava, ou tentava contar, a vida de Sara Guterman, filha de uma família judia que era amiga da nossa família desde que, nos anos trinta, tinha chegado à Colômbia. No momento da sua publicação, em 1988, o livro tivera alguma notoriedade, não tanto pelo tema, ou pela sua qualidade discutível, mas porque o meu pai, um

professor de Oratória que sempre recusara aproximar-se de qualquer forma de jornalismo, um leitor de clássicos que não apreciava comentar a literatura na imprensa, tinha publicado, no *Magazín Dominical*, uma crítica que destruía o livro com fúria. Percebe-se por isso que, quando o meu pai fez um mau negócio ao vender a casa de família, alugando depois o seu refúgio de falso solteiro empedernido, eu não tenha estranhado saber da sua crítica por portas e travessas, ainda que tenha sido Sara Guterman — ou seja, a porta mais próxima da minha vida — a responsável por pôr-me a par do texto.

De forma que a coisa mais natural do mundo, na tarde em que o fui visitar, era pensar que ele queria falar disso mesmo: que iria corrigir, com três anos de atraso, essa sua traição mínima e doméstica, sim, mas nem por isso menos dolorosa. O que aconteceu foi muito diferente. Na poltrona autoritária e amarela, enquanto mudava de canal com o polegar solitário da sua mão mutilada, este homem envelhecido e assustado e que cheirava a lençóis sujos, cuja respiração assobiava como um papagaio de papel, contou-me, no mesmo tom que usara durante toda a vida para repetir uma história sobre Demóstenes ou Gaitán, que havia três semanas que visitava regularmente um médico da clínica San Pedro Claver, e que uma inspecção ao seu corpo de sessenta e sete anos revelara, por ordem cronológica, diabetes sem gravidade, uma artéria obstruída — a anterior descendente — e a necessidade de uma operação imediata. Agora o meu pai sabia quão próximo estava de deixar de existir, e queria que eu também o soubesse. — Eu sou tudo o que tens — disse-me. — Eu sou tudo o que te resta. A tua mãe está enterrada há quinze anos. Podia não ter telefonado, mas foi o que fiz. Sabes porquê? Porque depois de mim, estarás sozinho. Porque, se fosses um trapezista, eu seria a tua única rede. — Pois bem, agora que passou tempo suficiente desde a morte do meu pai e que decidi, por fim, organizar a minha cabeça e a minha escrivadinha, os meus documentos e as minhas notas para a redacção deste relato, pareceu-me evidente que deveria começar desta maneira: recordando o dia

em que ele me telefonou, a meio do Inverno mais intenso da minha vida adulta, não para deter o afastamento em que embarcáramos, mas para se sentir menos sozinho quando lhe abrissem o tórax com uma serra eléctrica e lhe cosessem, no coração doente, uma veia extirpada da sua perna direita.

O problema começara depois de uns exames de rotina. O médico, um homem com voz de soprano e corpo de jóquei de corridas, dissera ao meu pai que a sua diabetes não era de todo anormal nem demasiado preocupante na sua idade: tratava-se apenas de um desequilíbrio previsível, e não implicava injeções de insulina nem medicamentos de tipo algum, mas sim exercício regular e uma dieta rigorosa. Então, após alguns dias em que o meu pai saiu sensatamente para caminhar, começou a sentir uma dor, uma presença delicada acima do estômago, parecida com um aviso de indigestão ou com os estertores de um animal de peluche que o meu pai tivesse engolido. O médico ordenou mais exames gerais, embora mais exaustivos, e entre eles uma prova de esforço; o meu pai, com umas cuecas largas e grandes como safões de vaqueiro, começou por caminhar, e depois trotou, numa passadeira sintética, uma espécie de tapete frio que se renovava a si mesma, e depois regressou ao vestiário diminuto (no qual, disse-me, tivera vontade de esticar os braços, e, ao dar-se conta de que aquele espaço era tão estreito que podia tocar com os cotovelos nas paredes, teve um breve ataque de claustrofobia), e mal acabou de vestir as calças e começou a abotoar os punhos da camisa, pensando já em sair dali e esperar que uma secretária o chamasse para recolher o resultado do electrocardiograma, o médico bateu à porta. Pedia desculpa, mas não gostava do que tinha visto nos primeiros resultados: seria necessário fazer um cateterismo imediatamente, para confirmar o risco. Foi isso mesmo que fizeram, claro, e o risco (claro) confirmou-se: havia uma artéria obstruída.

— Noventa e nove por cento — disse o meu pai. — Ia ter um enfarte dentro de poucos dias.

— Porque não te internaram nesse momento?

— Porque o tipo achou-me muito nervoso, imagino. Preferiu que eu fosse para casa. Deu-me instruções muito precisas, isso sim. Que não me mexesse muito durante todo o fim-de-semana. Que evitasse qualquer género de excitação. Nada de sexo, acima de tudo. Foi isso que me disse, imagina.

— E o que lhe respondeste?

— Que quanto a isso ele não tinha que preocupar-se. Só isso. Não ia contar-lhe a minha vida. — Ao sair do consultório, ao apanhar um táxi no meio do ruído da Rua 26, o meu pai começava a enfrentar a ideia de estar doente. Seria internado num hospital sem um só sintoma que denunciasses a urgência do seu estado, sem um mal-estar que não fosse aquela dor frívola na boca do estômago, e tudo por causa de um cateterismo delator. O balbuciar arrogante do médico continuava nos ouvidos do meu pai: — Se tivesse esperado mais três dias pela consulta, o mais provável é que, dentro de uma semana, estivéssemos no seu enterro. — Era uma sexta-feira; a operação ficou marcada para a quinta-feira seguinte, às seis da manhã. — Passei a noite a pensar que ia morrer — disse-me. — E depois liguei-te. Isso surpreendeu-me, claro, mas surpreende-me mais que tenhas vindo. — É possível que estivesse a exagerar: o meu pai sabia que mais ninguém estaria disposto a considerar a sua morte com tanta seriedade como o seu próprio filho, e a isso, a pensar na sua morte, dedicámos toda a tarde de domingo. Preparei duas saladas, confirmei que havia sumo e água no frigorífico, e comecei a rever, com ele, a sua última declaração de rendimentos. Tinha mais dinheiro do que precisava; isso não quer dizer que tivesse muito, mas que precisava de pouco. O seu único rendimento era a reforma atribuída pela Supremo Tribunal, e o seu capital, quer dizer, o valor que recebera ao fazer um mau negócio na venda da casa em que eu crescera e onde a minha mãe morrera, fora investido em certificados de aforro cujos dividendos cobririam a renda do apartamento e os gastos da vida mais ascética que eu alguma vez conhecera: uma vida que, até onde pude apurar, não incluía

restaurantes nem concertos nem outras formas, mais ou menos onerosas, de entretenimento. Não posso afirmar que o meu pai não tivesse passado uma noite ocasional com uma amante; mas quando alguns dos seus colegas tentavam tirá-lo de casa, levá-lo a jantar com uma mulher qualquer, o meu pai recusava à primeira tentativa e desligava o telefone durante o resto da tarde.

— Já conheci as pessoas que tinha de conhecer nesta vida — dizia-me. — Não preciso de ninguém novo. — Numa dessas vezes, quem o convidou foi uma advogada de marcas e patentes, tão jovem que podia ser sua filha, uma dessas raparigas de peitos grandes e poucas leituras que, num momento determinado e inevitável, parecem curiosas em saber como é o sexo com homens mais velhos. — E disseste que não? — perguntei, nesse momento. — Claro que disse que não. Disse-lhe que tinha uma reunião política. «De que partido?», perguntou ela. «Do partido onanista», respondi eu. E seguiu muito sossegada para sua casa, sem me incomodar mais. Não sei se foi consultar o dicionário para procurar a palavra, mas parece que decidiu deixar-me em paz, porque nunca mais voltou a convidar-me para nada. Ou, quem sabe, talvez já haja um processo a correr contra mim, não? Posso imaginar as notícias: «Professor pervertido assedia mulher jovem com polissílabos bíblicos.»

Estive com ele até às seis ou sete da tarde e regresssei a casa, pensando durante todo o trajecto naquilo que acabava de acontecer, na curiosa reviravolta do filho que conhecia finalmente a casa do seu pai. Tinha duas assoalhadas? Sala e quarto? Ou havia um escritório algures? Não consegui ver mais do que a estante de madeira branca, encostada com descuido à parede que dava para a Rua 49, junto a uma janela que mal deixava entrar a luz por entre as grades.

Onde estavam os seus livros? Onde estavam as placas e as salvas de prata com as quais os outros se tinham empenhado em distinguir a sua carreira ao longo dos anos? Onde trabalhava ele, onde lia, onde escutava o disco — *Os mestres cantores de Nuremberga*, um título que eu desconhecia — cuja capa estava

extraviada em cima da mesa da cozinha? O apartamento parecia ancorado nos anos setenta: a alcatifa alaranjada e castanha; a cadeira branca, de fibra de vidro, na qual me afundei enquanto o meu pai descrevia o mapa do cateterismo (as suas finas auto-estradas, as suas estradas secundárias); a casa de banho fechada e sem janelas, iluminada apenas por dois rectângulos de plástico translúcido no tecto (um dos quais estava partido; e por uma fresta pude ver o piscar de dois tubos de néon que pareciam prestes a fundir-se). Havia restos de espuma de barbear no lavatório verde, o duche era escuro e não cheirava bem, e no varão de alumínio estavam penduradas umas cuecas recém-lavadas. Fora ele que as lavara? Não teria uma empregada que o ajudasse? Abri gavetas e portas que fechavam com um íman, e encontrei analgésicos, uma caixa de *alka-seltzer* e um pincel de barba oxidado e que ninguém usava havia muito tempo. Gotas de urina na sanita e no chão: gotas amarelas e malcheirosas, deladoras de uma próstata desgastada. E havia, sobre a tampa do autoclismo, debaixo de uma caixa de *kleenex*, um exemplar do meu livro. Ponderei, claro, se essa não seria a sua forma de sugerir que a sua opinião não mudara em todos esses anos. «O jornalismo favorece o trânsito intestinal», imaginei que me dizia. «Será que ninguém te explicou isso na faculdade?»

Ao chegar a casa, fiz alguns telefonemas, ainda que fosse demasiado tarde para anular a operação ou para fazer caso de segundas opiniões, formuladas por telefone e sem o auxílio de documentos, exames, radiografias. De qualquer maneira, não fiquei muito descansado depois de falar com Jorge Mor, um cardiologista que era meu amigo dos tempos de escola. Quando lhe telefonei, Jorge confirmou aquilo que o médico da clínica San Pedro Claver dissera: confirmou o diagnóstico, e também a necessidade de operar com urgência, e também a sorte de se descobrir o problema por acaso, antes de o coração asfíxiado do meu pai fazer o que pensara fazer e ficar quieto, de repente, sem avisar.

— Dorme tranquilo, meu irmão — disse Jorge. — É a versão mais fácil de uma operação difícil. Não ganhas nada em

preocupar-te até quinta-feira. — Mas o que pode correr mal? — insisti. — Tudo pode correr mal, Gabriel, tudo pode correr mal em qualquer operação do mundo. Mas esta tem de ser feita, e é relativamente simples. Queres que te explique como é a operação?

— Claro que não — disse-lhe. — Nem penses nisso. — Mas talvez tivesse ficado à conversa com Jorge até conseguir adormecer, caso tivesse aceitado a proposta. Teríamos falado da operação; e iria para a cama já tarde, depois de umas bebidas soporíferas. Em vez disso, acabei por deitar-me às dez da noite, e pouco antes das três da manhã descobri que ainda estava desperto e mais assustado do que estava à espera.

Saí da cama, procurei no bolso das calças o volume da carteira e espalhei o seu conteúdo sob a luz do candeeiro. Dois meses antes de fazer dezoito anos, o meu pai entregara-me um rectângulo de cartolina, azul-escuro num lado e branco no outro, que lhe dava direito a ser enterrado junto à minha mãe no Jardines de Paz — com o logotipo do cemitério, umas letras com lírios —, e pedira-me que o guardasse num lugar seguro. Nesse momento, como aconteceria com qualquer outro adolescente, não me ocorreu outra coisa senão enfiá-lo na carteira; e ali ficara todo este tempo, entre o bilhete de identidade e a cédula militar, com o seu aspecto de obituário e um nome escrito à máquina num autocolante gasto. — Nunca se sabe — dissera-me o meu pai quando me deu o cartão. — Um dia destes rebenta uma bomba e quero que saibas o que fazer comigo. — Mas agora o tempo das bombas e dos atentados estava longe, uma década inteira em que tínhamos vivido com plena consciência de que regressar a casa, ao fim do dia, era um golpe de sorte; se, de facto, ele morresse por causa de uma bomba, a propriedade daquele cartão não me teria esclarecido nem oferecido indicações quanto ao tratamento que deveria dar aos mortos. Agora, o cartão amarelo e gasto parecia um daqueles cartões falsos que vêm nas carteiras novas, e ninguém o veria como aquilo que realmente era: um túmulo plastificado. E assim, considerando a possibilidade

de que tinha chegado o momento de usar o cartão, já não por causa de bombas ou atentados, mas devido às falhas previsíveis de um coração velho, acabei por adormecer.

No dia seguinte, internaram-no às cinco da tarde. Durante essas primeiras horas, metido já na sua bata verde, o meu pai respondeu às perguntas do anestesista e assinou os documentos brancos da segurança social e os do seguro de vida, com três cores (a bandeira da pátria com as cores desbotadas). Durante a terça e a quarta-feira falou e voltou a falar, exigindo certezas, fazendo perguntas, mas também ele passou informações, sentado no colchão alto e régio da cama de alumínio. Contudo, estava reduzido ao frágil papel de quem sabe menos do que o seu interlocutor. Nessas três noites fiquei com ele. Garanti-lhe, uma e outra vez, que tudo correria bem. Vi o hematoma com a forma da região de La Guajira na sua coxa, e assegurei-lhe que tudo correria bem. Na madrugada de sexta-feira, depois de lhe terem rapado o peito e ambas as pernas, três homens e uma mulher levaram-no para a sala de operações do segundo andar, deitado e, pela primeira vez, silencioso e ostensivamente nu debaixo da sua bata descartável. Fui com ele até que uma enfermeira, a mesma que tinha olhado mais do que uma vez, e sem dissimular, o sexo comatoso do paciente, pediu que me afastasse e disse, com uma palmadita que cheirava a amoníaco, o mesmo que eu dissera ao meu pai: — O senhor não se preocupe. Vai correr tudo bem. — Mas acrescentou: — Se Deus quiser.

O nome do meu pai é reconhecido por qualquer um, não só porque é o mesmo daquele que assina este livro (sim, o meu pai era um exemplar dessa espécie tão previsível: os que confiam tanto nas conquistas das suas vidas que não temem baptizar os filhos com o seu próprio nome), mas porque Gabriel Santoro foi o homem que teve a seu cargo, durante mais de vinte anos, o famoso Seminário de Oratória do Supremo Tribunal, e também quem pronunciou, em 1988, o discurso de comemoração dos

quatrocentos e cinquenta anos de Bogotá, esse texto lendário que chegou a ser comparado aos melhores exemplos da retórica colombiana, desde Bolívar a Gaitán. «Gabriel Santoro, herdeiro do *Caudillo Liberal*», foi a manchete de uma publicação oficial que ninguém lê ou conhece, mas que deu ao meu pai uma das grandes satisfações da sua vida recente. Não era para menos, claro, porque ele tinha aprendido tudo com Gaitán: assistira aos seus discursos; plagiara os seus métodos. Antes dos vinte anos, por exemplo, começara a vestir o corpete da minha avó, para criar o efeito da cinta que Gaitán vestia quando tinha de falar em espaços abertos. — A cinta pressionava-lhe o diafragma — explicava o meu pai nas suas aulas. — E a voz saía mais forte, mais grave, mais resistente. Podíamos estar a duzentos metros do palanque, com Gaitán a falar sem recorrer a qualquer tipo de microfones, e ouvia-se perfeitamente o que dizia. — A explicação vinha acompanhada de uma pantomima, porque o meu pai era um imitador excepcional (mas se Gaitán levantava o indicador da mão direita, apontando ao céu, o meu pai só podia levantar o seu coto lustroso). — Povo: pela restauração moral da República! Povo: pela vossa vitória! Povo: pela derrota da oligarquia! — Pausa; pergunta falsamente amável do meu pai: — Quem pode dizer-me o que nos comove nesta sequência de frases, onde radica a sua eficácia? — Um assistente incauto: — Comove-nos por causa das ideias. — O meu pai: — Nada de ideias. As ideias não importam, ideias qualquer besta tem, e estas, em particular, não são ideias, mas *slogans*. Não, a sequência comove-nos pela repetição da mesma palavra no começo das invocações, algo a que vocês, de agora em diante, chamarão *anáfora*, se me fizerem esse favor. E mandarei fuzilar aquele que me voltar a falar de ideias.

Eu costumava ir a essas aulas pelo mero prazer de ver o meu pai a encarnar o espírito de Gaitán ou de quem fosse (outras marionetas mais ou menos assíduas eram Rojas Pinilla e Lleras Restrepo), e, como é evidente, acostumei-me a vê-lo, a observar as suas formas de pugilista aposentado, os ossos grandes — a mandíbula e os pómulos, a geometria imponente das costas — que

preenchiam bem os seus fatos, as sobranceiras tão fartas que lhe entravam pelos olhos e pareciam varrer-lhe as pálpebras. E as mãos, sempre e sobretudo as mãos. A esquerda era tão grossa e os dedos tão compridos que podia apanhar uma bola de futebol apertando-a entre as falangetas; a direita não era mais do que um coto rugoso, onde só restava a haste de um polegar erecto. O meu pai teria uns doze anos, e estava sozinho em casa dos seus avós, em Tunja, quando três homens com machetes e calças arregaçadas entraram por uma janela da cozinha, cheirando a aguardente e a ponchos molhados, gritando mortes ao Partido Liberal, mas não encontraram o meu avô, que era candidato ao governo de Boyacá e que seria emboscado uns meses mais tarde, em Sogamoso. Em vez dele, estava o filho, um rapaz ainda de pijama, embora fossem já nove da manhã. Um deles perseguiu o meu pai, viu-o tropeçar na terra amontoada e enredar-se nas ervas crescidas do pasto; depois de um golpe com o machete, julgou-o morto. O meu pai levantara uma mão para proteger-se, e a lâmina oxidada cortou-lhe quatro dedos. María Rosa, a cozinheira da casa, ficou preocupada quando ele não chegou para almoçar, e acabou por encontrá-lo poucas horas depois, a tempo de evitar que morresse exangue. Mas disso o meu pai não se lembrava, contaram-lho depois, tal como lhe contaram as suas febres e as incoerências que disse — misturando curiosamente os homens dos machetes com os piratas de Salgari — a meio das alucinações provocadas pela febre. Teve que aprender a escrever outra vez, agora com a mão esquerda, mas nunca atingiu a destreza esperada, e às vezes eu pensava, sem nunca lhe dizer, que a sua caligrafia quebrada e disforme, as maiúsculas de criança que encabeçavam breves esquadrões de gatafunhos, era a única razão pela qual não escrevera um livro na vida, um homem que passara os dias entre os livros dos outros. O seu material eram as palavras pronunciadas e lidas, mas nunca escritas pela sua mão. Sentia-se desajeitado a manejar uma caneta e era incapaz de funcionar com um teclado: escrever era um memorando da sua invalidez, do seu defeito, da sua vergonha. E ao vê-lo a humilhar os seus

estudantes menos dotados, ao ver como os chicoteava com os seus sarcasmos violentos, eu costumava pensar: estás a vingar-te. Esta é a tua vingança.

Mas nada disso parecia ter consequência alguma no mundo real, onde o sucesso do meu pai era tão imparável como uma calúnia. O curso começou a ser solicitado por peritos penais e advogados de multinacionais, por estudantes de mestrado e juízes aposentados, e houve um momento em que aquele velho professor de conhecimentos inúteis e técnicas supérfluas precisou de colocar, entre a secretária e a estante, uma espécie de vitrina colonial e *kitsch* onde se foram empilhando, por trás dos pilares bojudos de uma varandinha, as salvas de prata e os diplomas — de cartolina, de papel com marca de água, de imitações de pergaminho —, e também troféus de aglomerado de madeira, com escudos vistosos de alumínio às cores. PARA GABRIEL SANTORO, EM RECONHECIMENTO DOS VINTE ANOS DE TRABALHO PEDAGÓGICO... CERTIFICA-SE QUE O DOUTOR GABRIEL SANTORO, EM VIRTUDE DOS SEUS MÉRITOS CIVIS... A CÂMARA MUNICIPAL DE BOGOTÁ, EM HOMENAGEM AO DOUTOR GABRIEL SANTORO... Ali, naquela espécie de santuário de vacas sagradas, passava os dias a vaca sagrada que era o meu pai. Sim, essa era a sua reputação: o meu pai soube-o quando lhe ligaram da autarquia, oferecendo-lhe o discurso, quer dizer, pedindo-lhe que pronunciasse uma série de lugares-comuns diante de políticos entediados. Este professor pacífico — terão pensado — preenche os requisitos tácitos do evento. O meu pai não lhes deu nada do que eles esperavam.

Não falou de 1538. Não falou do nosso ilustre fundador, dom Gonzalo Jiménez de Quesada, cuja estátua, coberta de merda dos pombos, ele via de cada vez que ia tomar um café com cheirinho no Café Pasaje. Não falou das doze casinhas nem da praça Chorro de Quevedo, o lugar onde se fundara a cidade, que, segundo o meu pai, ele não conseguia mencionar sem que a sua cabeça fosse invadida pela imagem de um poeta a urinar. No sentido oposto da tradição comemorativa na Colômbia (este país que sempre

gostou de comemorar tudo), o meu pai não fez do seu discurso uma versão politizada das cartilhas infantis. Não cumpriu os pactos; atraçou as expectativas de duzentos políticos, homens pacíficos que só desejavam deixar-se levar, durante um bocado, pelas assombrosas inércias do optimismo, ficando depois livres para ir passar o feriado de sete de Agosto com a família. Eu estava presente, claro. E ouvi como o meu pai espetou as palavras nos microfones medíocres; vi os rostos daqueles que o escutavam, e notei o momento em que alguns deixaram de olhar para o orador e começaram a olhar uns para outros: imperturbáveis expressões carrancudas, pescoços rígidos, mãos a alisar gravatas. Depois, todos comentariam a coragem que implicava pronunciar aquelas palavras, o acto de contrição profunda, de honestidade intrépida, que havia em cada uma daquelas frases — embora tudo isso, estou seguro, não tivesse importância para o meu pai, que só queria tirar o pó das espingardas e disparar as melhores balas na presença de uma audiência selecta. Nenhum deles, no entanto, podia reconhecer o valor daquele raro exemplar de retórica: um prelúdio corajoso, porque renunciava invocar a simpatia do auditório («Não estou aqui para celebrar nada»), uma narrativa baseada na confrontação («Esta cidade foi traída. Traíste-la vós, durante quase meio milénio»), uma conclusão elegante que começava com o tópico mais valioso da oratória clássica («Houve um tempo em que falar desta cidade era possível»). E, depois, o último parágrafo, que mais tarde serviu de mina de epígrafes para várias publicações oficiais, foi repetido em todos os jornais como se repetem as palavras de Bolívar *Yo bajaré tranquilo al sepulcro* ou *Salve usted la patria*.

Alguns nos escritos de Platão podemos ler: «Os campos e as árvores não me ensinam nada, mas a gente de uma cidade, sim.» Cidadãos, eu vos proponho aprendermos com a nossa. Cidadãos, eu vos proponho emprendermos a reconstrução política e moral de Bogotá. Conseguiremos a ressurreição através da nossa indústria, da nossa perseverança, da nossa vontade. Com os seus

quatrocentos e cinquenta anos, Bogotá é uma cidade jovem e ainda por fazer. Esquecê-lo, cidadãos, é condenar a nossa própria sobrevivência. Não esqueçais, cidadãos, nem deixeis que esqueçamos.

O meu pai falou de reconstrução e de moral e de perseverança, e fê-lo sem corar, porque se preocupava menos com aquilo que dizia, e mais com a forma como o dizia. Depois, comentaria: — A última frase é uma estupidez, mas o alexandrino é bonito. Ficou bem ali, não te parece?

O discurso inteiro durou dezasseis minutos e vinte segundos — de acordo com o meu cronómetro e sem contar com os aplausos emocionados —, apenas uma parte mínima daquele sábado, seis de Agosto de 1988, em que Bogotá fazia quatrocentos e cinquenta anos, e se celebravam os cento e sessenta e nove anos, menos um dia, da independência da Colômbia, e fazia doze anos, sete meses e vinte e um dias desde a morte da minha mãe. Vi-me, de repente, convencido da nossa invulnerabilidade, e tudo parecia indicar que ali, onde estávamos — o meu pai e eu —, cada um no comando de uma vida de sucesso, nada de mal nos aconteceria jamais, porque a conspiração das coisas (isso a que chamamos sorte) estava do nosso lado, e daí em diante haveria apenas um inventário de conquistas, filas e filas de maiúsculas grandiloquentes: o Orgulho dos Amigos, a Inveja dos Inimigos, a Missão Cumprida. Não tenho de o dizer, mas vou dizê-lo: essas previsões estavam completamente erradas. Publiquei um livro, um livro inocente, e nada voltou a ser como antes.

Não sei em que momento me pareceu evidente que a experiência de Sara Guterman seria a matéria de um livro escrito por mim, nem quando essa epifania sugeriu que o ofício prestigiante de cronista da realidade era à minha medida, ou eu à sua. (Não era bem assim. Fui mais um nesse ofício que nunca é prestigiante; tratou-se de uma promessa incumprida, esse delicado eufemismo.)

No início, quando comecei a investigar a sua vida, dei-me conta de que sabia muito pouco sobre ela; porém, e ao mesmo tempo, percebi que os meus conhecimentos ultrapassavam o que seria esperado ou normal, porque Sara tinha frequentado a minha casa desde que eu me lembrava, e os episódios relatados nas suas conversas, que eram sempre generosas, tinham-me ficado na cabeça. Até ao momento em que surgiu o meu projecto, nunca tinha ouvido falar de Emmerich, a aldeia alemã onde Sara nascera. A data do seu nascimento (1924) parecia-me menos supérflua do que a sua chegada à Colômbia (1938); o facto de o seu marido ser colombiano, e os seus filhos serem colombianos, e os seus netos serem colombianos, e o facto de ela ter vivido na Colômbia os últimos cinquenta anos da sua vida, serviram para encher uma ficha bibliográfica e sentir a inevitável materialidade dos dados — podem dizer-se muitas coisa de uma pessoa, mas só quando desvelamos datas e lugares essa pessoa começa a existir —, mas a sua utilidade não passou daí. Com datas, lugares e outras informações preencheram-se várias entrevistas, cujo aspecto mais notório era a facilidade com que Sara falava comigo, sem parábolas nem rodeios, como se tivesse esperado toda a vida para contar aquelas coisas. Eu perguntava; ela, mais do que responder, confessava-se; as conversas acabavam por se parecer com um interrogatório forense. *Chamava-se Sara Guterman, tinha nascido em 1924, chegara à Colômbia em 1938?*

Sim, está correcto.

*Que recordava dos seus últimos dias em Emmerich?*

Antes de mais, um certo bem-estar. A sua família vivia bem, graças a uma fábrica de papel de lixa, com aquilo que se podia chamar desafogo. Sara demoraria mais de trinta anos a compreender o bem-estar que essa fábrica lhe proporcionava. Também tinha lembranças de uma infância frívola. E depois, talvez após o primeiro boicote que afectou a fábrica (Sara não tinha ainda dez anos, mas acordar para ir à escola e ver que o seu pai ainda estava em casa provocou nela uma impressão profunda), apareceu o medo, e uma espécie de fascínio pela novidade desse sentimento.